



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
BACHARELADO EM AGROECOLOGIA

Caroline da Silva Alves

Águas que correm no Rio São Francisco
Um mergulho nas memórias de Caroline Alves

Recife, PE

2024

Caroline da Silva Alves

Águas que correm no Rio São Francisco

Um mergulho nas memórias de Caroline Alves

Trabalho de Conclusão de Curso na forma de Memorial submetido ao curso de Bacharelado em Agroecologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Agroecologia

Orientador: Prof. Dr José Nunes da Silva
Coorientadora: Profa. Dra. Maria Virgínia de Almeida Aguiar

Recife/PE

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A474

Alves, Caroline da Silva

Águas que correm no Rio São Francisco : Um mergulho nas memórias de Caroline Alves / Caroline da Silva Alves. - 2024.

57 f. : il.

Orientador: Jose Nunes da .

Coorientadora: Maria Virginia de Almeida . Inclui referências.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, , Recife, 2021.

1. Agrobiodiversidade . 2. Integração Animal-Vegetal . 3. Quilombo de Inhanhum . I. , Jose Nunes da, orient. II. , Maria Virginia de Almeida, coorient. III. Título

CDD

Caroline da Silva Alves

Águas que correm no Rio São Francisco

Um mergulho nas memórias de Caroline Alves

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de bacharela e aprovado em sua forma final pelo Curso Bacharelado em Agroecologia.

Recife/PE, 05 de março de 2024.

Coordenação do Curso

Prof.^a. Dra. Maria Virginia de Almeida Aguiar

Banca examinadora:

Prof. Dr. José Nunes da Silva (Orientador)

Prof.^a Dra. Joanna Lessa Fontes Silva (BACEP/UFRPE)

Prof.^a Dra. Horasa Maria Lima da Silva Andrade (BACEP/UFRPE)

Recife/PE, 2024

Para Lucas Rafael

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de expressar minha profunda gratidão a Deus pelo dom da vida e por todas as oportunidades que Ele me proporcionou ao longo desta jornada. Sou imensamente grata pela minha família incrível, especialmente aos meus pais, Expedito e Maria Eunice, que sempre estiveram ao meu lado, apoiando e incentivando cada passo dado em direção aos meus sonhos. Não posso deixar de mencionar meus queridos irmãos, Junior e Cristiane, cujo amor e apoio foram essenciais para minha trajetória.

Um agradecimento especial à minha avó Djanira Gomes, que sempre foi um pilar de força e sabedoria em minha vida. Agradeço também ao ex-presidente da Associação Quilombola dos Produtores Rurais do Território de Inhanhum, João Aparecido, por sua orientação e apoio durante todo o processo de matrícula e pelo incentivo constante ao longo do curso.

Sou profundamente grata à família do senhor Joselito (in memoriam), que generosamente me acolheu em sua casa e tornou possível o início desta jornada acadêmica. Seus ensinamentos e apoio serão lembrados para sempre.

Dedico essa conquista a todas as pessoas que, de uma forma ou de outra, estiveram presentes em minha vida, me dando forças para seguir em frente, mesmo diante das dificuldades e obstáculos encontrados ao longo desses quatro anos. Em especial meu avô paterno Pedro João (in memoriam). Eu sei o quanto você deve estar feliz por minha conquista. Vô sua neta conseguiu.

Agradeço especialmente às minhas amigas Elaine Genovez, Vitória Siele e Vanessa Ferreira, que estiveram ao meu lado nos momentos bons e ruins.

Expresso minha gratidão ao coletivo do Bacharelado em Agroecologia, Campesinato e Educação Popular (BACEP), às parceiras e parceiros, à nossa dedicada secretária Dani, e principalmente aos professores José Nunes, Joana Lessa e Virgínia Aguiar, por sua paciência, dedicação e por compartilharem seus conhecimentos conosco.

Gostaria de expressar minha gratidão às instituições, Escola Família Agrícola Dom Fragoso (EFA) e Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA), por me receberem durante os estágios supervisionados obrigatórios 1 e 2. Agradeço pelas partilhas, vivências e conhecimentos passados pelas instruções. Todos os momentos foram valiosos, e enriqueceram a minha bagagem de vida pessoal e acadêmica.

Um sincero obrigada aos meus colegas de turma, em especial ao grupo do território Sertão, por todo o apoio, companheirismo e trocas de experiências ao longo desses anos.

Sertanejas, obrigada por cada reclamação e palavra de incentivo foram fundamentais para minha jornada. Íris (Irinha), Samara (Sam), Tatiane (Tati), Jayslania (Jay), Soraya (Sol) e Ana Sabrina (Ana), obrigada por fazerem parte desta jornada comigo, nosso pacto de iniciar e nos formamos juntas deu certo, graças ao nosso companheirismo e carinho umas com as outras, vocês estarão para sempre em meu coração. Gratidão!

E por fim, e mais importante, expresso minha profunda gratidão ao meu filho Lucas Rafael. Ele é a sementinha que foi plantada durante o curso e germinou, me dando ainda mais forças para prosseguir. Seu amor e presença constante foram minha fonte de inspiração e motivação em todos os momentos. Agradeço por ser minha razão de lutar e por me mostrar a importância de perseverar em busca dos meus sonhos. Lucas Rafael, você é meu maior tesouro e minha maior bênção. Obrigada por ser a luz que ilumina o meu caminho.

“Pés nas barrancas, sonhos plantados e nos fios das águas escorre o eco das nossas vozes a
margear nosso corpo, território sagrado.”

(Rito de anunciação/Coletivo Vozes Mulheres)

RESUMO

Apresento neste memorial relatos dos fatos mais marcantes da minha jornada pessoal e acadêmica, culminando na chegada ao bacharelado em Agroecologia com ênfase no Campesinato e Educação Popular (BACEP) da Universidade Federal Rural de Pernambuco. De forma descritiva, busquei retratar a minha identidade, origens, aprendizados adquiridos durante o curso e os planos para o futuro. Para enriquecer essa narrativa, utilizei a ferramenta “Rio do Tempo”, uma linha do tempo que destaca momentos importantes e lições aprendidas ao longo do percurso. O memorial é estruturado em eixos temáticos – Conhecer, Planejar, Agir e Avaliar – nos quais são abordadas as vivências comunidade e universidade, as imersões e estágios. Destaca-se a bagagem enriquecida pelas experiências vividas durante o curso, retrato a importância dos saberes e práticas tradicionais/ancestrais na busca do bem viver. Além disso, são apresentadas as temáticas da Agrobiodiversidade e criação animal, servindo como guia para os estágios realizados. Por fim, o memorial visa mostrar a minha transformação, apresentando uma educanda educadora capaz de ouvir, compreender, analisar e construir em conjunto a partir da realidade presente.

Palavras-chave: Agrobiodiversidade; Integração Animal-Vegetal; Quilombo de Inhanhum.

ABSTRACT

In this memorial I present reports of the most striking facts of my personal and academic journey, culminating in my achievement of a bachelor's degree in Agroecology with an emphasis on Peasantry and Popular Education (BACEP) at the Federal Rural University of Pernambuco. In a descriptive way, I sought to portray my identity, origins, learning acquired during the course and plans for the future. To enrich this narrative, I used the "River of Time" tool, a timeline that highlights important moments and lessons learned along the way. The memorial is structured around thematic axes – Knowing, Planning, Acting and Evaluating – in which community and university experiences, immersions and internships are addressed. The experience enriched by the experiences during the course stands out, portraying the importance of traditional/ancestral knowledge and practices in the search for good living. In addition, the themes of Agrobiodiversity and animal husbandry are presented, serving as a guide for the internships carried out. Finally, the memorial aims to show my transformation, presenting a student educator capable of listening, understanding, analyzing and building together based on the present reality.

Keywords: Agrobiodiversity; Animal-Plant Integration; Inhanhum Quilombo.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1– Rio do Tempo..... | 22 |
| Figura 2– Imersões..... | 24 |
| Figura 3– As Sertanejas..... | 26 |
| Figura 4– BACEP em Movimento..... | 27 |
| Figura 5– Vivências: Durante e Pós Isolamento..... | 32 |
| Figura 6–Plantio de Batata Doce..... | 33 |
| Figura 7–Implantação de Sistema Agroflorestal..... | 34 |
| Figura 8– Estágio do Curso Técnico..... | 38 |
| Figura 9- Produção de Hortaliças..... | 40 |
| Figura 10- Experimento com Babosa..... | 41 |
| Figura 11- Criação de Aves..... | 42 |
| Figura 12- Pocilga..... | 43 |
| Figura 13- Caprinovinocultura..... | 44 |
| Figura 14- Serão Sobre Agroecologia..... | 45 |
| Figura 15- BACEP em Território Boavistano..... | 47 |
| Figura 16- Atividades Práticas..... | 50 |
| Figura 17 – Planejamento participativo de um SAF..... | 51 |
| Figura 18- Oitava Culminância..... | 54 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|---------|--|
| UFRPE | Universidade Federal Rural de Pernambuco |
| BACEP | Bacharelado em Agroecologia, Campesinato e Educação Popular |
| IF | Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano |
| AQPRTI | Associação Quilombola dos Produtores Rurais do Território de Inhanhum |
| ENEM | Exame Nacional do Ensino Médio |
| AVC | Acidente Vascular Cerebral |
| PBP | Programa de Bolsa Permanência |
| PLE | Período Letivo Excepcional |
| CPT | Comissão Pastoral da Terra |
| CBA | Congresso Brasileiro de Agroecologia |
| SAF | Sistema Agroflorestal |
| CHAPADA | Centro de Habitação e Apoio ao Pequeno Agricultor do Araripe |
| ONG | Organização Não Governamental |
| DRP | Diagnóstico Rural Participativo |
| EFA | Escola Família Agrícola |
| PANCS | Plantas Alimentícias Não Convencionais |
| PICC | Projeto Interdisciplinar de Construção do Conhecimento |
| IRPAA | Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada |
| FOFA | Fortaleza, Oportunidade, Fraqueza e Ameaça |

SUMÁRIO

| | | |
|----------|--|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO..... | 16 |
| 1.1 | A TRAJETÓRIA ACADÊMICA DA JOVEM, PRETA, QUILOMBOLA E MÃE, CAROLINE ALVES..... | 16 |
| 1.1.1 | QUEM É CAROLINE ALVES?..... | 16 |
| 1.1.2 | O MEMORIAL E A SUA CONSTRUÇÃO..... | 20 |
| 2 | DESENVOLVIMENTO..... | 22 |
| 2.1 | O AFLUENTE DAS MINHAS MEMÓRIAS DESÁGUAM NO RIO DA VIDA..... | 22 |
| 2.2 | ENCANTAMENTOS E DESAFIOS DOS EIXOS TEMÁTICOS..... | 22 |
| 2.2.1 | CONHECER O ETNOAGROECOSSISTEMA A PARTIR DAS RELAÇÕES ENTRE AGROECOLOGIA, CAMPESINATO E EDUCAÇÃO POPULAR..... | 23 |
| 2.2.2 | PLANEJAR E AGIR NA TRANSFORMAÇÃO DO ETNOAGROECOSSISTEMA..... | 30 |
| 2.2.3 | AGIR NO ETNOAGROECOSSISTEMA A PARTIR DA AGROECOLOGIA, CAMPESINATO E EDUCAÇÃO POPULAR..... | 33 |
| 2.2.4 | AVALIAR, ANALISAR E SISTEMATIZAR A AÇÃO NO ETNOAGROECOSSISTEMA..... | 37 |
| 3 | CONCLUSÃO | 55 |
| | REFERÊNCIAS..... | 56 |

1 INTRODUÇÃO

1.1 A Trajetória acadêmica da jovem, preta, quilombola e mãe, Caroline Alves

Um salve a todo povo negro que veio antes de mim, ubuntu, eu sou por que vocês foram e são. Convido-te a reviver comigo toda a minha caminhada durante a graduação no Bacharelado em Agroecologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco, através dos conhecimentos adquiridos e compartilhados durante esses quatro anos, minhas memórias que retratam toda a teia que foi tecida, a partir dos conteúdos e vivências proporcionados pela agroecologia.

1.1.1 Quem é Caroline Alves?

Eu, Caroline da Silva Alves, nasci em 13 de junho de 2000, na maternidade Santa Casa em Santos, no estado de São Paulo. Sou filha de Maria Eunice da Silva Alves e Expedito Ivanildo Alves Mateus, irmã de Cristiane Alves e Expedito Júnior, a mais nova entre os irmãos.

Assim como a história de vida de vários nordestinos, a de meus pais não foi diferente, pois em alguns momentos da vida migraram para São Paulo em busca de melhoria de vida. Lá meu pai trabalhava como ajudante de pedreiro e minha mãe como auxiliar de limpeza em uma escola de ensino infantil. Em 2001 meus pais retornaram para o Nordeste, para a comunidade Quilombola de Inhanhum, localizada no município de Santa Maria da Boa Vista, no Sertão do São Francisco, no estado de Pernambuco, onde nasceram e moravam.

Inhanhum é uma comunidade localizada nas margens do rio São Francisco no estado de Pernambuco, possui aproximadamente 750 habitantes remanescentes de quilombolas, indígenas e ciganos. O nome Inhanhum é um nome indígena e significa “águas que correm” fazendo alusão a curva que o rio faz no território da comunidade. A comunidade foi reconhecida como quilombola pela Fundação Palmares em meados de 2006 e, com isso, se juntou a mais três comunidades quilombolas do município de Santa Maria da Boa Vista, Cupira, Serrote e Saruê.

Sou uma jovem preta, agricultora, pescadora, estudante e mãe. Venho de uma linhagem recente de agricultores e agricultoras convencionais, entretanto, meus ancestrais (avós e bisavós) produziam com mais diversidade de alimentos e com menos impactos ao ambiente. Na comunidade a cultura da banana é predominante. Minha família se enquadra nesse grupo dos agricultores do monocultivo. Antes de conhecer a agroecologia eu era uma das apoiadoras do monocultivo e do pacote agroquímico convencional.

Minha relação com a terra é desde muito nova pois sempre acompanhava minha mãe quando ela ia trabalhar “de diária” raspando mandioca, cortando cebola para outros/as

agricultores/as na comunidade ou quando ia plantar suas hortaliças nas terras de seu sogro, para obter renda e alimentos.

Sempre estudei em escola pública. Meu ensino fundamental foi na escola da comunidade Professor Cassimiro Lucas. Ao chegar no ensino médio fui para uma escola de tempo integral a Escola de Referência em Ensino Médio Professora Edite Matos, localizada na cidade, Santa Maria da Boa Vista. Todos os dias saía de casa às 6:00 da manhã e retornava às 17:00 da tarde. Em 2016 terminei o ensino médio e em seguida ingressei no curso técnico, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano (IF Sertão) Campus Santa Maria da Boa Vista.

Em 2019, assim que foi lançado o edital do curso de agroecologia, O ex-presidente da Associação Quilombola dos Produtores Rurais de Inhanhum, João Aparecido, mandou o edital no grupo do *whatsapp* dos sócios da comunidade. Sempre saliento que “caí no curso de paraquedas”, pois me inscrevi sem ao menos entender as suas dimensões e que minha chegada ao curso estava ligada à minha comunidade, pois foi por meio da associação, que obtive as informações do edital.

No dia 06 de agosto de 2019, durante a aula da disciplina de Fitossanidade do curso técnico em Agropecuária no campus Santa Maria da Boa Vista, recebi uma ligação da coordenadora do bacharelado, a Professora Joana Lessa, comunicando que eu havia passado na seleção do curso da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

O processo de seleção do curso se deu através de edital, onde o candidato poderia utilizar a nota do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) de cinco anos atrás. Eu havia feito o ENEM em 2016, me inscrevi no grupo de cotas para estudantes negras/os quilombolas, e fui selecionada na última chamada.

Neste período, estávamos enfrentando um momento muito delicado pois há quase dois meses, no dia 17 de junho de 2019, meu avô paterno, Pedro João, havia sofrido um acidente vascular cerebral (AVC) e eu era uma das cuidadoras dele e não queria sair de perto, pois sempre fui muito apegada a ele.

Um dos pontos que me permitiram agarrar a oportunidade de ingressar no curso, foi o formato em que ele seria ofertado, em regime de alternância, pois isso me permitiria estudar e continuar contribuindo com os cuidados de meu avô. Me lembro do dia que dei a notícia para ele. Apesar do acontecido, ele não ficou totalmente debilitado, e vivíamos um dia de cada vez pois, tinha dia que ele conseguia lembrar nossos nomes e tinha dia que não.

Para a realização da matrícula era necessário que eu estivesse em Recife no dia seguinte e como a cidade de Santa Maria da Boa Vista está localizada a cerca de 605,5 km de distância

da capital Recife, mais ou menos nove horas de viagem de ônibus, inviabilizaria minha chegada no dia seguinte. Como tudo se resolve através do diálogo, consegui mais um dia de acréscimo, levando em conta que as aulas se iniciaram na semana seguinte.

No dia 07 de agosto de 2019, cheguei à capital de Pernambuco. Minha chegada ao Recife só foi possível devido a ajuda financeira de minha avó Djanira Gomes, a quem dedico todo meu amor, carinho e admiração, a meus pais que me incentivaram e a João Aparecido que se empenhou em me ajudar a conseguir todos os documentos necessários.

Ao chegar em Recife fui recepcionada pelo meu ex cunhado Thiago Teógenes e sua família (pai, mãe e irmãos). Thiago me acompanhou até a universidade onde realizei minha matrícula e tive o primeiro contato com a professora Joanna Lessa, uma mulher determinada, gentil, de uma garra admirável.

Joana Lessa foi uma grande incentivadora e me orientou a correr atrás de uma bolsa de estudo (Programa Bolsa Permanência). Por muito incentivo dela, enviei os documentos no último dia antes de encerrar o prazo e, o importante, foi que deu certo.

O dia 12 de agosto de 2019 foi o início de uma jornada na qual não imaginava que iria me permitir viver e sentir várias experiências e emoções. Na minha cabeça era apenas mais um curso convencional, entretanto, fui surpreendida e me deparei com um curso que possui uma proposta distinta.

Foi criado um curso inovador com a proposta de formar educadoras/es a partir de uma abordagem abrangente e sistêmica, com o objetivo de preparar profissionais que consigam superar as dificuldades impostas pela crise ambiental, econômica, social e ética, assim previsto no Projeto Pedagógico do curso.

Lembro perfeitamente o dia que contei para a minha professora do curso técnico que tinha sido aprovada no curso de Agroecologia e ela me disse que era perda de tempo e que eu deveria estudar para passar no curso de Agronomia. Eu simplesmente a ignorei e segui meu fluxo, e essa foi a minha melhor decisão.

Ao ingressar no curso de Agroecologia fui mudando minha concepção sobre agricultura e sobre trabalhar em união com o ecossistema e, durante esses quatro anos, venho tentando incentivar minha família para isso, principalmente meu pai. Entretanto, ainda não obtive êxito. Sempre que visitávamos alguma experiência através das imersões¹ eu levava fotos e vídeos, toda entusiasmada, mostrando que é possível. Minha mãe sempre me apoiou nas

¹ Imersões são atividades pedagógicas do BACEP, realizadas com objetivo de proporcionar às/aos discentes vivências em territórios diversos, acessando conhecimentos populares das/os camponesas/es, agricultoras/es familiares e movimentos sociais.

realizações dos trabalhos e iniciamos um sistema agroflorestal no nosso agroecossistema familiar, como será visto mais adiante.

O curso de Agroecologia da UFRPE me mostrou uma forma de educação exigente, mas humanizada. Minha bagagem era de um ensino convencional, onde só os saberes técnicos e superiores valiam e me deparei com uma realidade que me abriu um leque, mostrando o verdadeiro significado do saber, do aprendizado através da troca, da ancestralidade, do conhecer e se relacionar com o território. O curso me incentivou a conhecer e estudar sobre minha comunidade, conhecer histórias que não são contadas e ir atrás de informações que estão sendo perdidas com o avanço das gerações.

Minha trajetória acadêmica iniciou em agosto de 2019, e, de lá para cá, foram várias vivências, trocas, descobertas, criações conjuntas, afeto... um misto de sentimentos. O Bacharelado em Agroecologia proporcionou inúmeras vivências *in loco*, virtuais e até através da imaginação, como será visto de forma detalhada nos itens mais adiante.

Durante esses quatro anos, mesmo com todos os desafios impostos pela pandemia² da Covid-19 entre os anos 2019 e 2022, o curso não parou, pois realizamos encontros virtuais³, tivemos aulas e organizamos os semestres nos Períodos Letivos Especiais (PLE) e com aulas remotas. Foi no auge da pandemia, tendo aulas remotas, que vivi a fase mais desafiadora e feliz da minha vida. Em julho de 2020 descobri que estava grávida, e essa descoberta foi um misto de sentimentos pois, estava no início da faculdade e estávamos vivendo sobre o medo da pandemia.

No dia 28 de fevereiro de 2021, às 2:45 da manhã o meu Lucas Rafael nasceu, pesando 4,70kg com 45cm, de parto normal. Minha vida mudou completamente, agora não seria mais “só eu”, eu tinha que pensar e planejar por dois, a partir daquele momento um outro ser dependia totalmente de mim, as responsabilidades dobraram, minha rotina e planos mudaram.

Como ainda estávamos em pandemia, as aulas eram remotas, fiquei de licença maternidade por três meses e, logo após, voltei a acompanhar as aulas remotas, recuperei as atividades perdidas e segui com a turma. E para você que é mãe e estudante e está passando por isso, saiba que está fazendo um ótimo trabalho, acredite em você, acredite no seu potencial e lembre-se que tudo isso é uma fase e tudo isso vai passar.

² A pandemia da COVID 19 foi causada por um vírus altamente contagioso denominado de Corona Vírus (COVID-19) que levou muitas pessoas a óbito no mundo inteiro, com isso houve a necessidade do isolamento social entre 2020 e 2021.

³ Devido a necessidade do isolamento social causado pela COVID 19, houve a necessidade das vivências Virtuais, com o intuito de manter a interação da turma e amenizar o impacto na aprendizagem.

Quando as aulas retornaram presencialmente meu filho já tinha um ano e, com isso, fiquei bem mais tranquila em deixá-lo, minha rede de é formada por familiares do meu filho, família materna e paterna, com o retorno do pai para a comunidade a criança passou a ficar sob responsabilidade dele em minha ausência. Minha mãe sempre me deu total apoio para não deixar meus estudos. Além disso, algo que foi um ponto positivo para minha permanência na universidade, foi a minha bolsa de estudo específica para quilombolas (PBP - Bolsa Permanência), garantindo minha permanência no curso, custeando minhas idas para Recife e os gastos em casa com a criança.

Tudo isso é resultado de muita luta do movimento negro, que realizou várias reivindicações para que as/os negras/os pudessem entrar nas universidades e permanecerem até serem diplomadas/os. Esta solicitação foi acatada em 2013 pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva. A bolsa permanência quilombola era no valor de R\$900 para estudantes quilombolas e R\$400 para estudantes em situações de vulnerabilidade. O objetivo do Programa Bolsa Permanência é de combater a desigualdade racial e garantir a permanência de estudantes negras/os nas universidades.

Em 2022, após 8 anos do projeto de lei que viabiliza a permanência de estudantes quilombolas nas universidades, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva realizou um reajuste nos valores e, com isso, o valor do Programa Bolsa Permanência passou de R\$900\$ para R\$1.400 para estudantes quilombolas e de R\$400 para R\$900 para estudantes que se enquadram no grupo de vulnerabilidade social.

Atualmente, continuo a enfrentar incertezas, mas minha determinação em seguir me especializando na caprinovinocultura e estabelecer minha criação animal permanece inabalável, desde o curso técnico. Como uma jovem que se tornou educadora popular através do BACEP, sinto-me comprometida em levar os princípios da Agroecologia para meu território e por onde eu passar, mesmo diante das muitas barreiras e desafios que ainda enfrento. Consciente das dificuldades que podem surgir em meu caminho, mantenho-me firme e com pensamentos no propósito, buscando superar obstáculos e inspirar mudanças positivas em minha comunidade.

1.1.2 O Memorial e a sua Construção

A metodologia usada para realização deste trabalho está ligada a um “mergulho nas minhas memórias”. Foram resgatados relatórios, sínteses, fotos, vídeos, textos e conversas. Todos estes materiais me auxiliaram e contribuíram para a construção do meu “rio do tempo”, cujo objetivo é apresentar pontos marcantes destes quatro anos do curso, inclusive as imersões⁴.

⁴ As imersões foram realizadas nas Matas Sul e Norte de Pernambuco, Agrestes, Sertões do Pajeú, São Francisco e Araripe em Pernambuco, Região Metropolitana do Recife e Sertão de Crateús/Inhamuns no Ceará.

Os tópicos e palavras chaves apresentados no rio do tempo estão descritos nos pontos abaixo, onde estão pontuadas por eixos temáticos: Eixo I - Conhecer o etno-agroecossistema a partir das relações entre agroecologia, campesinato e educação popular, 2019/2020; Eixo II- Planejar e agir na transformação do etno-agroecossistema, 2021; Eixo III- Agir no etno-agroecossistema a partir da agroecologia, campesinato e educação popular, 2022; Eixo IV- Avaliar, analisar e sistematizar a ação no etnoagroecossistema. 2023/2024. Em cada eixo são apresentadas as temáticas, vivências e aprendizagens dos períodos.

As temáticas que mais se destacam neste memorial são a agrobiodiversidade e a criação animal, pois são temas que sempre me chamaram atenção e despertam o desejo de aprofundar e conhecer mais. Ao longo do texto é nítido o destaque dessas temáticas dentre as atividades desenvolvidas ao decorrer do curso, a exemplo os estágios supervisionados 1 e 2.

E para abrir os caminhos d'água, trago um poema, para mergulharmos nesse rio de vivências e aprendizados.

Rito de anunciação

Pés nas barrancas, sonhos plantados e
 Nos fios das águas escorre
 O eco das nossas vozes
 A margear nosso corpo,
 Território sagrado desses versos,
 Redemoinhos de revoluções que buscam em seu movimento
 Ecoar as nossas palavras que sangram,
 E nos demarcam sujeitas de nossa época
 Resistência do solo sertanejo e
 Da identidade latino-americana,
 Banhadas pelo Velho Chico,
 Amparadas na nossa ancestralidade ribeirinha
 Nordestina.
 Mulheres que compõem o verso.
 Eu, tu, ela, nós.
 Fincadas no íntimo de nossas narrativas.
 Colocaremos para fora palavras-rio
 E mergulharemos fundo.
 Feito trombas d'água
 Que deságuam em força seremos.
 Como a ventania que toma para si o tempo,
 Somos livres.

(Coletivo Vozes Mulheres, 2022)



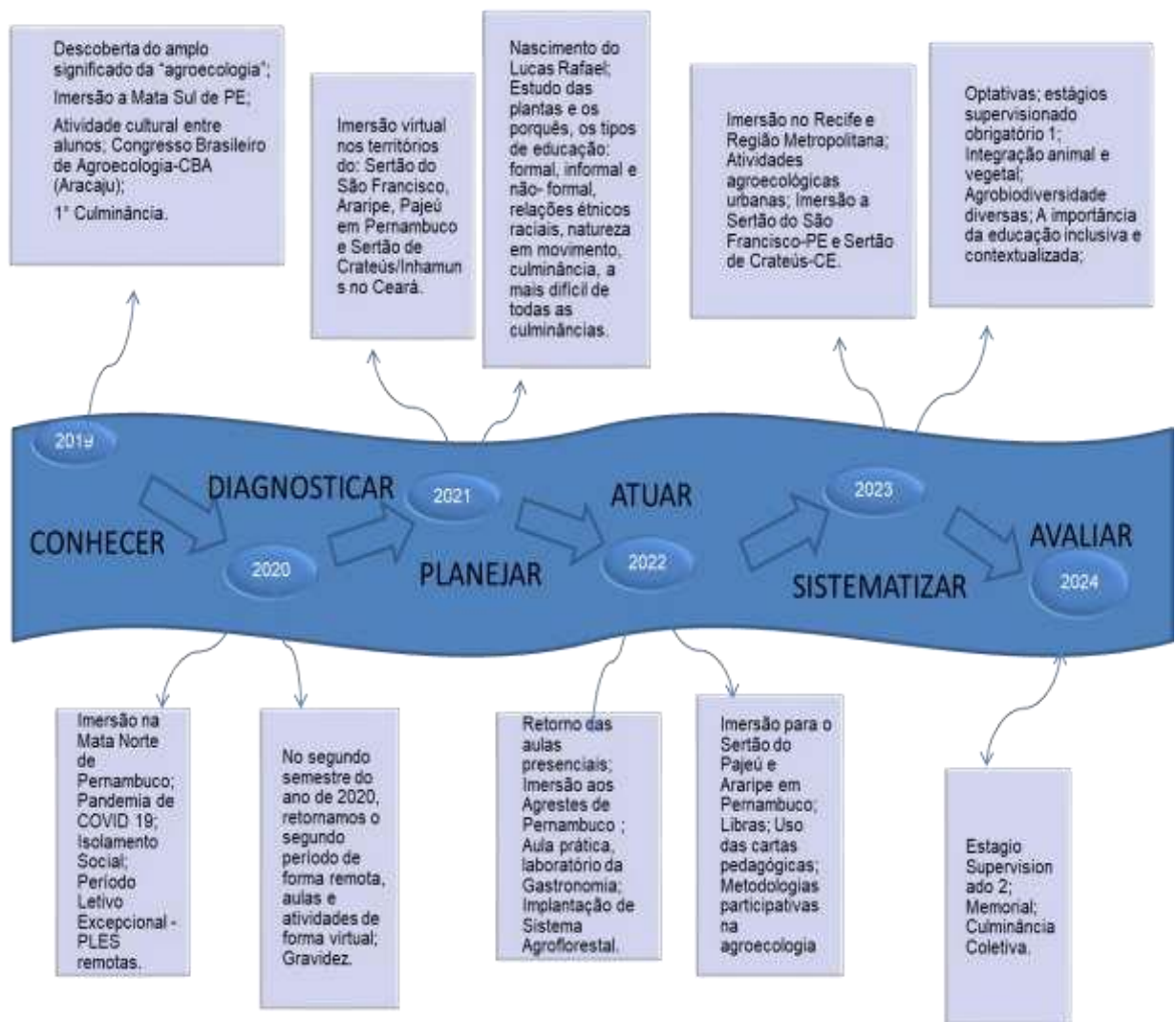
Cada território visitado possui um/a estudante, representante na turma do Bacharelado em Agroecologia, e nas culminâncias e vivências virtuais, vivências universidade e vivências realidade-campo, uma jornada de muitas trocas, reflexões, desafios e muitos aprendizados.

DESENVOLVIMENTO

2.1 O afluente das minhas memórias desagua no rio da vida

Apresento a vocês o “afluente das minhas memórias”, a minha linha do tempo que tem o objetivo de apresentar os acontecimentos que marcaram a minha trajetória acadêmica.

Figura 1-Rio do Tempo



2.2 Encantamentos e Desafios dos Eixos Temáticos

“O Bacharelado em Agroecologia tem como objetivo a formação de bacharéis educadores em Agroecologia, para atuar junto à agricultura familiar e camponesa, a partir da

Educação Popular, na construção de soluções sustentáveis no campo e na cidade, com visão crítica, domínio técnico e sensibilidade diante dos problemas socioambientais da atualidade e suas consequências sociais, políticas, ecológicas e culturais”. (UFRPE, 2023, p.11).

A proposta do curso é que cada ano seja organizado a partir de eixos temáticos ao invés de disciplinas e cada período possui seu tema e suas temáticas específicas que são trabalhadas em cada semestre.

2.2.1 Eixo I – Conhecer o etnoagroecossistema a partir das relações entre agroecologia, campesinato e educação popular, 2019/2020.

● CONHECER O ETNOAGROECOSSISTEMA, 1º PERÍODO.

No primeiro semestre, iniciamos o período letivo com a proposta de conhecer o etnoagroecossistema, com as seguintes temáticas: Abordagem sistêmica da vida; Ecossistemas; Relações ciência, construção do conhecimento e natureza; Educação Popular e Cultura; Campesinato, modos de vida e agriculturas; Solos; Movimentos sociais e questões agrárias.

Após uma semana de acolhida, preparação e chegada da primeira turma do curso de Agroecologia, nos preparamos para iniciar nossa jornada de imersão, na perspectiva de adquirir conhecimentos a partir da realidade dos agricultores/as, pescadores/as, camponeses/as e movimentos sociais do território Mata Sul de Pernambuco.

Uma das etapas de preparação para vivenciar a imersão pela Mata Sul-PE, foi um texto escrito pelo querido Prof. Jorge Roberto Tavares de Lima (LIMA, 2019), retratando seu olhar sobre a Mata Sul de Pernambuco.

“Tem José, Maria, Severino, Josefa, pessoas que fazem acontecer, que vivem, lutam. Gritam ou silenciam. Se manifestam de forma agressiva, mostram ressignificação, reagem silenciosamente, seja pela dança, pelo canto, pela comida, pelo roçado. Ou seja, embora hegemônica, a cana de açúcar não é homogênea a região. Há diferentes formas de resistência que muitas vezes se manifestam na produção de determinados alimentos para atender uma reprodução social das famílias. Não devemos fechar os olhos para a diversidade das paisagens, festas, produção, das pessoas e das diferentes histórias da região” (LIMA, 2019).

Na imersão, conhecemos experiências em seis municípios da Mata Sul de Pernambuco: Rio Formoso, Sirinhaém, Tamandaré, Ribeirão, Palmares e Jaqueira. Em Rio Formoso

conhecemos três experiências no assentamento Amaraaji. Aqui citarei as experiências que mais me chamaram a atenção.

Conheci a experiência da agricultora Josilda (figura A), uma mulher agricultora agroecológica que resiste em meio ao monocultivo de cana de açúcar. De início, já consegui enxergar a importância da assessoria e da presença dos movimentos sociais. A partir daí comecei a beber da fonte das aprendizagens, pois, até então não conhecia bem as práticas agroecológicas e as organizações não governamentais que havia em meu estado.

Figura 2- Imersões



Fonte: Arquivos

Ainda percorrendo o município de Rio Formoso, conhecemos a Comunidade Quilombola Engenho Siqueira, que muito me encantou por sua cultura com a La Ursa e seu museu que retrata a história da comunidade. Em Tamandaré, conhecemos a feira agroecológica, a Reserva Biológica de Saltinho, o assentamento Jundiá de Cima e a colônia de pescadores de Tamandaré, experiências importantíssimas que me permitiram compreender as lutas, a importância da transição agroecológica, políticas públicas, acesso à terra e a importância da diversidade de ecossistemas.

A experiência do Engenho Fervedouro em Jaqueira foi muito impactante. É uma comunidade que resiste em meio ao falso progresso do agronegócio, rodeada pelas cercas e com a presença do gado de corte. A comunidade é ameaçada pelos grandes fazendeiros que lutam para desabrigar várias famílias que ali residem há muitos anos. A Comissão Pastoral da Terra-CPT realiza assessoria à comunidade, contribuindo nesta e em diversas outras causas.

Além de proporcionar muitos conhecimentos a partir das experiências, a imersão proporcionou momentos de lazer, como a breve passagem pela praia de Tamandaré, após o diálogo com os/as pescadores/as (figura B). Além deste momento, tivemos a nossa primeira atividade cultural, momento livre para os estudantes e professores/as se conhecerem melhor a partir da cultura, com poemas e músicas.

Ao finalizar a imersão, retornei ao meu território para a vivência realidade-campo com a atividade de estudar e conhecer o meu território a partir de um roteiro de observações guiado pelas temáticas do eixo e com auxílio do mapa do território. A proposta da ferramenta (Mapa Desenhado) se deu para um melhor desenvolvimento da atividade e entendimento sobre o território, proporcionando informações específicas. Além de comunicar, a ferramenta também ilustra e facilita a observação. Iniciamos pelo território Sertão do São Francisco-PE e, em seguida, o município Santa Maria da Boa Vista, a Comunidade Quilombola de Inhanhum e, por fim e mais importante, chegamos nos agroecossistema familiar com seus subsistemas.

Ainda em 2019, o curso proporcionou uma das minhas melhores experiências acadêmicas, participei de meu primeiro congresso, o Congresso Brasileiro de Agroecologia (CBA), o evento aconteceu em Aracajú- SE (figura C), na Universidade Federal de Sergipe. Está vivência me permitiu conhecer diversas experiências agroecológicas realizadas no Brasil e no mundo, em áreas rurais e urbanas. A diversidade de culturas presentes naquele local "era de arrepiar", pois conheci jeitos e falas distintas e unidas com um único propósito: ver um mundo melhor, mais justo e igualitário, onde o alimento saudável e as políticas públicas cheguem para todos/as.

Ao longo das experiências vivenciadas, percebi que o papel do educador agroecológico vai além da transmissão de conteúdos teóricos, envolvendo também a promoção do pensamento crítico, o estímulo à autonomia dos aprendizes e o fortalecimento dos vínculos comunitários.

Ao fim de todo o semestre, realizamos uma culminância, a culminância representa o momento final do período de estudos, onde os aprendizados são integrados e aplicados em atividades lúdicas reflexivas, consolidando o conhecimento adquirido ao longo do semestre. Ou seja, um momento onde são revividas todas as temáticas e vivências de forma lúdica (figura 1), com músicas, poemas, cordéis, danças, teatro, pois todas as formas de expressões artísticas e culturais são válidas. As apresentações são realizadas em grupos divididos por territórios Agrestes, Sertões, Matas e Região Metropolitana.

Figura 3- As Sertanejas 🍷



Fonte: Arquivo pessoal/Tatiane Faustino

A culminância inaugural foi especialmente significativa para o grupo das Sertanejas, marcando o início de laços de amizade e afeto que se fortaleceram desde o primeiro dia de aula. Durante esse evento, estabelecemos um compromisso conjunto de iniciar e concluir o curso com as sete sertanejas, proporcionando apoio mútuo e motivação ao longo do caminho.

- **DIAGNÓSTICO DO ETNOAGROECOSSISTEMA, 2º PERÍODO.**

Em 2020, retomamos nossas atividades acadêmicas com uma bela imersão com destino a Mata Norte (figura 4) de Pernambuco, com a perspectiva de conhecer os modos de

apropriação da natureza presente naquele território, assim, como as subjetividades camponesas, as diversidades e as formas de economia, na busca de aprender com a realidade dos/as camponeses/as.

A história da apropriação humana da natureza passa, de acordo com Toledo (1996), por três modos básicos: extrativista, agrícola, industrial. Seguindo o ponto de vista de Toledo (1996), o modo extrativista acontece desde o surgimento da espécie humana. O extrativismo praticado pelos nômades, com práticas de caçar, pescar e coletar para o consumo sem apropriação prejudicial da natureza.

O segundo modo, é o agrícola, que é o praticado por agricultores/as camponeses/as, cujo trabalho se dá entre parentes, visando o consumo e venda de excedentes, relacionando o ecossistema agrícola com o ecossistema natural, trabalhando com agroflorestas, por exemplo. Os ensinamentos dos/as camponeses/as vêm dos/as ancestrais. O terceiro modo é o industrial, que ganhou força com a revolução verde e, com ela, a produção de monocultivo em grande escala, usando pacotes tecnológicos (adubos químicos, agrotóxicos) e também o desmatamento de grandes áreas, poluição, desigualdade e etc.

A partir da imersão na Mata Norte foi possível observar e comparar dois modos de apropriação da natureza, o agrícola (camponês) e o industrial. “Desde o processo histórico, identificamos diferentes relações dos seres humanos com a natureza, que conseqüentemente, expressam formas distintas de manejos e apropriação dos recursos naturais” (Lima e Figueiredo, 2006 p. 41).

Figura 4- BACEP em movimento



Fonte: Arquivos/BACEP

Os modos de apropriação camponesa da natureza que conhecemos e mais me chamou atenção, foi de duas agricultoras, Luiza e Mirian, que realizam uma agricultura limpa, com

agroflorestas e recuperação de nascentes, produzindo para se alimentar e vender os excedentes. Como contraponto, conhecemos um pouco do modo de apropriação industrial na Usina Olho d'Água, que realiza uma apropriação com o objetivo de comércio, produção em grandes escalas, desmatamento, poluição, entre outras coisas.

Essas visitas possibilitaram que nós estudantes, conhecêssemos a forma como cada modo se apropria, qual a escala desse processo de apropriação da natureza e produção, se cada modo era autossuficiente, se produzem tudo o que necessitam, o que foi algo muito marcante e significativo. As imersões são sempre muito importantes pois elas permitem conhecer a experiência, dialogar com elas, e depois levar para debate em sala, onde aconteceram grandes momentos de construção do conhecimento a partir das diversas percepções, gerando ricas reflexões.

A imersão na Mata Norte foi uma experiência profundamente significativa e enriquecedora. Foi possível testemunhar a resiliência das mulheres na luta pela terra, a exuberância e a riqueza cultural do caboclo de lança do Maracatu, a ancestralidade presente na capoeira do Sítio Malokambo e a habilidade artesanal dos ceramistas em Tracunhaém. Este território é um verdadeiro tesouro de histórias e resistências.

Após a imersão, retornei ao meu território com uma bagagem repleta de novidades para compartilhar com meus pais. Particpei de mutirões no sítio Agatha, explorei trilhas na área de reserva, estudei as estruturas do solo durante as caminhadas e observei a rica diversidade de espécies vegetais. Tenho uma profunda paixão por áreas de floresta com árvores de porte alto; embora ache a mata branca (caatinga) belíssima, sou verdadeiramente encantada pela majestade da mata atlântica e suas florestas. Em resumo, essa experiência me proporcionou o contato com culturas e realidades muito diferentes da minha, enriquecendo profundamente meu conhecimento e minha perspectiva de mundo.

Ao retornar para a vivência realidade campo, para desenvolver minhas atividades e estudar a realidade do meu território, nos deparamos com a pandemia da Covid 19, e as atividades do período letivo foram suspensas. Entretanto, não paramos nossas atividades e continuamos realizando encontros remotos, quando surgiu a ideia do grupo de autogestão de Cuidados orientado pela professora Maria Virgínia, em criar o grupo de bordado “Bordando Pelo Cuidado” realizando encontros semanais e envolvendo várias/os estudantes. E, para “não perdermos o fio da meada”, iniciamos os Períodos Letivos Excepcionais-PLE, com cursos livres sobre diversas temáticas de suma importância, entre elas, a escrita, onde trabalhamos as formas de escrever.

O desafio de conciliar estudo e maternidade durante a pandemia, enquanto lidava com o caos ao redor e as dificuldades relacionadas à conectividade e tecnologia, foi uma verdadeira jornada de superação. Enfrentar a pressão psicológica em meio a um contexto global de incerteza e isolamento, ao mesmo tempo em que cuidava das necessidades de uma criança em casa, exigia uma dose extra de resiliência e organização.

As interrupções frequentes, seja por problemas de conexão com a internet ou por questões familiares, tornavam cada dia uma batalha para encontrar um equilíbrio entre as responsabilidades acadêmicas e os cuidados com a família. No entanto, apesar dos obstáculos, cada pequena vitória conquistada, por menor que fosse, era motivo de celebração e reforçava a determinação em seguir em frente, enfrentando os desafios um passo de cada vez.

Ainda de forma remota retomamos o segundo semestre, dando continuidade às atividades das temáticas do período com o eixo de “Conhecer e transformar o etnoagroecossistema – dimensões ecológico-produtiva, ética, educativa, socioeconômica, política, cultural e artística. Dividido por módulos, realizamos de modo remoto os estudos com o intuito de tentar compreender a complexidade entre agroecologia, campesinato e educação popular a partir da leitura histórica, social, ecológica, técnica, cultural, educativa e estética da realidade. Os módulos foram distribuídos em I – Natureza em Movimento; II – As plantas e o porquê; III – Subjetividade e Natureza e, por fim, a culminância.

O início do segundo semestre trouxe consigo uma série de desafios devido à persistência da pandemia. Lidar com as aulas remotas, o isolamento social e o consequente desgaste psicológico tornou-se uma realidade para muitos estudantes, levando alguns a ponderar sobre a continuidade no curso. Em momentos de dúvida, o encorajamento constante da minha mãe e das Sertanejas foi fundamental para manter-me motivada. Embora o ensino remoto tenha sido uma solução importante, também trouxe consigo um aumento significativo do cansaço e uma diminuição da participação. A culminância virtual não teve a mesma empolgação e beleza que a primeira, entretanto, sabíamos que tudo aquilo fazia parte de uma fase transitória, e que eventualmente superaríamos esses desafios.

Apesar dos desafios enfrentados durante o período de ensino remoto, os encontros virtuais proporcionaram oportunidades valiosas para reflexão e aprendizado. Através das telas dos nossos dispositivos, fomos capazes de nos conectar e compartilhar reflexões sobre as temáticas. Esses encontros remotos não apenas nos permitiram continuar nossos estudos, mas também nos desafiaram a explorar novas perspectivas e a repensar nossas abordagens em relação aos desafios do mundo atual. As abordagens temáticas profundas e as reflexões compartilhadas durante esses encontros estimularam um crescimento intelectual e emocional

significativo, demonstrando que, mesmo em meio à adversidade, o aprendizado e a transformação pessoal são possíveis.

A temática sobre campesinato me fez refletir muito sobre meu estilo de vida e o da minha família. Questionei-me se nos enquadrávamos nesse grupo devido às práticas agrícolas convencionais que realizamos. Compreendi que tudo isso se deu devido ao falso progresso, que considera os/as agricultores/as que trabalham da forma ensinada pelos ancestrais como ultrapassados/as e que o certo é se atualizar e produzir uma única cultura que gere renda. Em meu território, essa cultura é a banana irrigada e com uso de pacotes agrícolas.

Neste período, compreendi o conceito de agroecossistemas apresentado por Gliessman. Ele ressalta que “um ecossistema pode ser definido como um sistema funcional de relações complementares entre organismos vivos e seus ambientes, delimitado por fronteiras escolhidas arbitrariamente, as quais, no espaço e no tempo, parecem manter um equilíbrio dinâmico, porém estável” (Gliessman, 2009, p. 63).

2.2.2 Eixo II- Planejar e agir na transformação do etnoagroecossistema, 2021.

PLANEJAMENTO NO ETNOAGROECOSSISTEMA, 3º PERÍODO.

O 3º semestre teve como temáticas condutoras: Agrobiodiversidade; Leitura e análise da sustentabilidade de agroecossistemas; Sistemas participativos em campo; Sistemas agroalimentares; Convivência com o semiárido; Economia solidária; Cultura corporal e campesinato; Sistemas de produção da agricultura familiar; Animais; Processos grupais e subjetivos em contextos rurais.

De forma virtual, realizamos nossa segunda imersão, com destino aos Sertões: Sertão do Pajeú, Araripe e São Francisco em Pernambuco e Sertão de Crateús no Ceará. A imersão nos proporcionou mostrar um pouco do nosso território através das lutas, cultura e tipos de agricultura (agroecológica e convencional), movimentos sociais, entre outras informações sobre os territórios.

A partir da vivência da imersão, começamos a estudar as temáticas relacionando-as com a nossa realidade, construindo mapas e usando as ferramentas de metodologias participativas (diagrama de Venn, linha do tempo, FOFA, mapa). Usar essas ferramentas com minha família sempre foi desafiador; não era sempre que conseguia a colaboração de meus pais. Entretanto, quando conseguia juntar todo mundo, era muito divertido desenvolver as atividades, surgiam várias histórias e lembranças de infância.

E seguimos nessa jornada da vivência remota com encontros de estudo, aulas de acompanhamento, leitura de textos e desenvolvendo as atividades, e nos encantando com as temáticas, tentando relacioná-las com minha realidade e buscando entender meu território.

Estudar a agrobiodiversidade foi muito bom, pois tive acesso ao trecho do livro "Agrobiodiversidade e Direito dos Agricultores" de Juliana Santilli (2009). Logo após, tive acesso ao livro e me encantei com os múltiplos conceitos ainda em formação sobre a agrobiodiversidade, entre outros temas como segurança alimentar, as mudanças climáticas, etc.

"A economia solidária é uma ação política porque questiona as relações desiguais e patriarcais que se produzem e reproduzem, seja na própria produção/comercialização, seja nas relações sociais culturais entre as pessoas e as organizações, entre outras. Sua força está diretamente relacionada a quanto maior for sua capacidade de organização em rede e de associação com outros atores e movimentos sociais. Por isso, a importância estratégica de sua organização territorial" (Dubeux et al, 2012, p. 18).

As práticas de economia solidária são diversas e cada sujeito ou coletivo realiza de uma maneira de acordo com seu contexto. Ao estudar a economia solidária, comecei a observar que em nosso sistema realizamos algumas práticas, como as trocas de frutas, mudas, sementes de plantas e galinhas entre vizinhos/as, amigos/as e conhecidos/as.

Aprendi no BACEP a enxergar as várias realidades existentes no semiárido e as diversas situações enfrentadas como, quando se tem água não tem terra e quando tem terra não tem água. No meu território, temos água, mas nem todos possuem acesso à terra. Em outros locais, se tem acesso à terra, mas não tem água para consumo e muito menos para a produção, o que faz com que em ambas as situações aconteça a migração dos/as jovens.

Ao estudar sobre meu território, adentrando minha comunidade, sempre me questionava sobre a migração dos/as jovens para outros estados, principalmente para o Sudeste do país. Essas migrações ocorrem por diversas causas, como a busca de melhoria de vida, desejo de não continuar realizando atividades agrícolas "de sol a sol", desejos de conhecer o novo, entre outros fatores.

Alguns dos fatores que geram a migração, a necessidade de sair do semiárido e fugir da fome e sede é a concentração de terra e água, a não implantação dos conhecimentos sobre tecnologias apropriadas à região semiárida, a educação não contextualizada e a falta de políticas públicas que priorizem a lógica da convivência com o semiárido (Santos, Schistek, Oberhofer, 2007, p. 31).

- PLANEJAMENTO E AÇÃO NO ETNOAGROECOSSISTEMA, 4º PERÍODO.

Etnoagroecossistemas de produção vegetal e animal; Redesenho do etnoagroecossistemas; Metodologias de construção do conhecimento camponês; Economia solidária; Feminismo; Expressões culturais do campesinato; Alimentação e sociedade e Educação do campo, foram as temáticas condutoras do 4º semestre, ainda estudadas de forma virtual e com grandes desafios tecnológicos de falta de acesso a internet e equipamentos, cansaço psicológico e medos devido a pandemia e alguns colegas deixando o curso. Tudo isso mexeu muito comigo, mas, o acolhimento, o afeto, os incentivos entre a turma, foram sempre muito fortes e isso me fez permanecer e enfrentar as dificuldades do remoto.

Nossa segunda imersão virtual aconteceu com destino aos Agrestes de Pernambuco e Paraíba, onde conheci experiências de agricultores/as agroecológicos/as, guardiãs/ões de sementes, movimentos sociais, entre outros. Os Agrestes mostraram a diversidade, força cultural e de lutas que existem no território, cantando e encantando através de seus poetas.

O 4º semestre foi realizado de forma mista (figura 5), remota e presencial. Iniciamos com as dificuldades do remoto e continuamos com a volta ao presencial, tomando todos os cuidados indicados pelo Ministério da Saúde. Em maio de 2022, voltamos às vivências-universidades presenciais, nos reconectando com o território da universidade, nos acolhendo e vivendo os desafios do dia após dia.

Figura 5- Vivências: Durante e Pós Isolamento



Fonte: Arquivos/Pessoais, 2022.

As temáticas me fizeram repensar o redesenho do meu etnoagroecossistema, analisar a minha alimentação e pensar na alimentação do meu filho, pois principalmente durante a pandemia, passei a me alimentar muito mal e com a temática de Alimentação e Sociedade, refleti sobre os alimentos que chegam à minha mesa e que, infelizmente, os alimentos saudáveis ainda são inacessíveis para as famílias de baixa renda. Conheci e pesquisei mais sobre a proposta de alimentos do futuro, e o quanto isso vai impactar na nossa saúde.

Os temas abordados foram de suma importância, agregando-me bons conhecimentos e permitindo-me refletir e repensar sobre minha realidade.

A temática do redesenho dos agroecossistemas abordou a importância da relação animal-vegetal. Destacando a importância de se ter um agroecossistema bem desenhado e estruturado como um todo. “Esses agroecossistemas se caracterizam por adotarem práticas de diversificação de cultivos e criações, com ênfase na caprinovinocultura, e na produção e manutenção de estoque forrageiro” (Jalfim, 2023).

A integração de cultivos vegetais e criação de animais permite a reciclagem de nutrientes no solo. Os resíduos orgânicos dos animais, como esterco, são utilizados como fertilizantes naturais para as plantas, promovendo a fertilidade do solo, desempenhando um papel fundamental na ciclagem de nutrientes entre os diferentes componentes do agroecossistema. A diversificação de culturas vegetais integrada à criação de animais, permite uma produção mais resiliente e sustentável de alimentos. Isso reduz a vulnerabilidade a eventos climáticos extremos e a mercados, garantindo uma oferta estável e variada de alimentos ao longo do tempo.

Ao refletir sobre os textos e os conhecimentos adquiridos, fiquei ainda mais inspirada e comprometida com minha prática educativa. A abordagem integrada dos agroecossistemas, destacando a relação entre animais e vegetais, ressalta a importância de uma educação que reconheça e valorize os saberes locais e as práticas sustentáveis. E é isso que o bacharelado em Agroecologia faz! O curso capacita os estudantes a serem educadores educandos, que escutam, acolhem e planejam junto com os agricultores e agricultoras, levando em consideração as realidades e desafios específicos das comunidades.

2.2.3 Eixo III- Agir no etnoagroecossistema a partir da agroecologia, campesinato e educação popular, 2022.

- ATUAÇÃO NO ETNOAGROECOSSISTEMA, 5º PERÍODO.

O quinto semestre nos apresentou as temáticas de manejo de etnoagroecossistemas; Segurança e soberania alimentar; Processamento e conservação da produção familiar;

Processos participativos de melhoramento genético de plantas e animais; Educação e direitos humanos; Extensão rural agroecológica.

A imersão do quinto semestre foi extremamente significativa, marcando nossa primeira experiência após o período de isolamento social (figura 6). Nós mergulhamos na realidade do território dos Agrestes de Pernambuco, atravessando as cidades de Buíque, Garanhuns, Jupi e Caruaru.

Figura 6- Plantio de Batata Doce



Fonte: Arquivo Pessoal, 2022.

Durante essas experiências, tive a oportunidade de conhecer variedades de sementes crioulas e compartilhar da experiência do colega Micael, que trabalhava com hortas pedagógicas na escola do município de Jupi, além de outras experiências envolvendo saberes populares. Infelizmente, alguns contratempos, como a quebra de ônibus e fortes chuvas, impediram nossa visita às terras do Povo Xucuru de Ororubá, em Pesqueira/PE, bem como a implantação do sistema agroflorestal em uma escola rural do município de Feira Nova.

Apesar dos imprevistos que nos impediram de seguir todo o planejamento da imersão, continuamos nosso percurso em direção a Buíque/PE. Durante as aulas, estudamos sobre planejamento participativo. Em sala de aula, o professor nos desafiou a imaginar uma área para a implantação de um sistema agroflorestal. Entretanto, antes disso, foi necessário um diálogo e planejamento detalhado com os proprietários fictícios das áreas, para então realizar a implantação. Foi um momento desafiador e educativo.

Apreendi que um planejamento bem elaborado envolve os sujeitos que irão manejar o sistema. É essencial haver escuta e acolhimento, pois é uma construção conjunta, levando em consideração os objetivos do sistema, os desejos da família e a viabilidade do projeto.

Integrando as temáticas de planejamento participativo com extensão rural, durante a imersão realizamos a implantação do sistema agroflorestal forrageiro dos colegas de curso Ana e Raul (figura 4), introduzindo espécies de plantas forrageiras juntamente com plantas nativas e alimentos como feijão, milho, batata e mandioca, visando atender às necessidades alimentares da família. Foi um dia extremamente produtivo, com amigos e vizinhos se unindo para compartilhar conhecimentos durante a implantação.

Figura 7- Implantação de sistema agroflorestal



Fonte: Jayslania Araújo, 2022.

De todas as temáticas do semestre as que mais me chamaram a atenção foram Extensão Rural e Planejamento Participativo, já que uma temática complementava a outra. Fomos desafiados/as a planejar e implantar um sistema agroflorestal em nosso território, e como já havia iniciado um através do Projeto Recupera Caatinga⁵ coordenado pela Ong Chapada, junto com minha família, apenas aumentamos a área e introduzimos mais espécies nativas. A área foi recuperada com a implantação de plantas nativas da caatinga e com frutíferas.

Antes da atividade de implantar um sistema agroflorestal foi proposto que realizássemos um exercício prático no território, que consistiu na realização de uma caminhada por uma trilha ecológica para observar e refletir sobre três situações socioecológicas distintas, sendo uma área de floresta primária, área de agricultura convencional e por fim um quintal produtivo ou agrofloresta.

⁵ CHAPADA, Sobre o Projeto Recupera Caatinga, disponível em : <https://recuperaatinga.orgchapada.org.br/sobre-o-projeto-recupera-caatinga/>. Acesso em 06 de dezembro de 2023.

Na realização desta atividade, consegui juntar algumas pessoas de idades diferentes e iniciamos pela área onde não havia intervenção humana. Em seguida, fomos para uma roça de banana e, por último, uma agrofloresta que foi implantada recentemente. Depois do percurso, lanchamos e refletimos sobre os três locais. Foi uma experiência muito rica, pois consegui ter firmeza e coordenar a atividade, compartilhar e adquirir ricos conhecimentos como educadora. Durante a trilha, realizamos coletas de sementes de jurema e outras plantas nativas como parte do trabalho.

Todos os períodos do curso foram apaixonantes, porém, o 5º foi muito mais instigante, pois através de atividades de ensino e extensão durante as vivências realidade-campo, consegui juntar jovens, crianças e idosos na realização das atividades de implantação do Sistema Agroflorestal (SAF), na atividade de análise de áreas de agricultura convencional, agrofloresta e área de matas nativas. O quinto semestre foi recheado de aprendizagens, desafios, saberes e trocas, instigando a permanência no curso.

A partir do quinto período, percebeu-se uma intensificação das atividades práticas e de extensão, marcando uma etapa significativa no percurso acadêmico. Com uma abordagem mais prática e direcionada, as vivências no campo tornaram-se mais frequentes e diversificadas, proporcionando oportunidades reais de aplicação dos conhecimentos adquiridos em sala de aula. As atividades de extensão ganharam destaque, envolvendo não apenas o ambiente acadêmico, mas também a comunidade local, através de projetos como a implantação de sistemas agroflorestais e a análise de diferentes práticas agrícolas. Essa mudança de foco não apenas enriqueceu a formação acadêmica, mas também contribuiu para uma compreensão mais holística e engajada das questões sociais e ambientais.

- **ATUAÇÃO E SISTEMATIZAÇÃO NO ETNO AGROECOSSISTEMA, 6º PERÍODO.**

O sexto semestre chegou com o desafio de sistematizar as experiências vivenciadas durante os cinco períodos do curso, e com essa proposta surgiu a proposta metodológica do Trem das Aprendizagens – BACEP, onde sistematizamos todos os aprendizados, acontecimentos, desafios e temáticas que nos marcaram. Num primeiro momento, esta foi a sistematização geral, mas, houve as sistematizações individuais, sobre as temáticas que mais marcaram, os aprendizados e desafios de cada indivíduo.

Além da proposta de sistematização, o 6º semestre contou com as temáticas de Libras, Gestão de resíduos, Uso múltiplo da floresta, Silvicultura, Gestão da água nos territórios e Manejo de etnoagroecossistemas.

A imersão do 6º semestre foi realizada no Sertão do Pajeú e Araripe em Pernambuco, e essa foi a primeira imersão que não pude participar pois estava de licença médica, uma vez que havia realizado um procedimento cirúrgico na glândula salivar.

Ao retornar para a vivência na universidade, me encantei com o estudo da Libras, já que foi muito significativo, pois a professora era surda-muda, e a forma dinâmica como ela dava aula e todos conseguiam compreender foi magnífica. Tivemos aula prática de enxertia, na temática de Uso múltiplo das florestas/Silvicultura, e estudamos novamente sobre as ferramentas do diagnóstico rural participativo.

Estudamos sobre os impactos ambientais causados pela falta de saneamento básico e o desafio da coleta de resíduos sólidos no meio urbano e rural. O crescimento populacional, a expansão urbana e rural e aumento nos níveis de consumo de mercadorias e alimentos contribuem nos impactos ambientais, causando poluição. Minha comunidade é rural e possui coleta de lixo uma vez na semana, mas em algumas partes da comunidade é nítida a falta de saneamento, ainda que, comparado a outras comunidades rurais, possuímos algumas vantagens.

Refletimos sobre as florestas e os recursos madeireiros e não madeireiros, como também sobre a convivência com/no semiárido com a gestão de água. Quando se fala de sertão imagina-se um sertão totalmente seco, com carcaça de animais mortos espalhadas por todos os lugares, sem produção vegetal, sem vida! Esses símbolos que por muitos anos foram associados aos sertões, não fazem sentido na perspectiva de que sertão é vida, é diversidade e riqueza. A mata branca encanta em todas as suas formas.

Minha comunidade está localizada na beira do rio São Francisco em Pernambuco e, com isso, apesar de estar localizada na região do semiárido brasileiro, muitas coisas que vejo sobre a convivência com o semiárido são novas pra mim. Além disso, aqui se encontra muito desperdício de água e pouca ou nenhuma reutilização.

Com a volta da culminância presencial, foi marcante poder sistematizar os aprendizados com o grupo das Sertanejas, composto só de mulheres de fibra, mulheres inspiradoras, cada uma com sua subjetividade. Foi um momento de acolhida, partilhas, aconchego, debate e uma construção coletiva que resultou na apresentação lúdica das aprendizagens do semestre.

TÓPICOS ESPECIAIS II- METODOLOGIAS PARTICIPATIVAS NA AGROECOLOGIA

A disciplina optativa Metodologias Participativas na Agroecologia contou com duas etapas, teoria e prática. A teoria nos permitiu entender conceitos, alguns já conhecidos, outros nem tanto. A professora Andrea Alice e o professor José Nunes trouxeram conceitos sobre: Diálogo, liderança, participação, realidade, e etc., trazendo textos e imagens que permitiram

uma melhor compreensão. Além dos conceitos, a primeira etapa contou com referenciais históricos.

Como segunda etapa e complemento essencial, vivenciamos, ou melhor dizendo, realizamos a mais conhecida “prática”, já que a teoria nada é sem a prática, não é mesmo? Após compreender a teoria, realizamos práticas utilizando as ferramentas do Diagnóstico Rural Participativo – DRP, que são elas: Mapa falado, diagrama de fluxo, linha do tempo, entre outros. O diagrama de fluxo e o mapa falado foram realizados sobre o sítio Alcobaça, local onde implantamos o Sistema Agroflorestal. A matriz histórica foi realizada sobre o Nordeste.

Após conhecer novas ferramentas do diagnóstico rural participativo e ver uma melhor mediação e participação de todos/as com as ferramentas, tive uma melhor compreensão, um novo olhar, para tentar envolver as pessoas da minha comunidade nas atividades, buscando conhecer melhor nosso território e nossa territorialidade.

2.2.4 Eixo IV- Avaliar, analisar e sistematizar a ação no etnoagroecossistema. 2023/2024.

- AVALIAÇÃO E SISTEMATIZAÇÃO NO ETNO AGROECOSSISTEMA, 7º PERÍODO.

TÓPICOS ESPECIAIS III- CRIAÇÃO AGROECOLÓGICA DE ANIMAIS

A optativa de criação agroecológica de animais contou com uma semana de atividades em tempo integral, onde estudamos os conceitos, as raças, adaptação, formulação de ração e etc. Consegui compreender ainda mais a importância das abelhas para o equilíbrio ecológico dos agroecossistemas, assim como a importância da integração animal e vegetal para o equilíbrio ecológico dos etnoagroecossistemas e bem-estar dos animais. Aprofundamos sobre as práticas que devem ser realizadas para proporcionar um bem-estar animal, entre elas: Fornecimento de água à vontade, área de pastagem, sombreamento, etc.

Um dos principais aspectos norteadores da criação agroecológica de animais é a realização de um manejo baseado no respeito ao comportamento natural das espécies, por isso optar por raças locais é sempre um bom caminho. Aprendi a importância de compreender a necessidade dos animais e com isso realizar um manejo agroecológico a partir dos fatores que favorecem a criação saudável dos animais: Comportamento natural; Fatores climáticos; Atividades lúdicas e interação com o ambiente; Hábitos e preferências alimentares; Descanso e higiene.

Com a realização dos cuidados com o bem-estar animal, é possível ter um rebanho saudável, com uma boa produção e uma carne saborosa, até porque animal que passa por estresse tende a ter uma baixa produção e uma carne de baixa qualidade.

A optativa de criação animal, me permitiu mergulhar nas lembranças, onde em vários momentos das aulas, me recordei do curso técnico em Agropecuária, principalmente do meu estágio de conclusão de curso onde optei por estagiar com caprinos e ovinos.

A criação animal sempre me chamou mais atenção, dando destaque para caprinovinocultura pois sempre foi uma área que me encantou. No estágio, pude vivenciar diversas atividades enriquecedoras. Entre elas, destaco o cadastro dos animais, que envolveu a identificação por número de brinco, pesagem e outras medidas essenciais para o acompanhamento da saúde e produtividade do rebanho. Além disso, participei ativamente na vermifugação, casqueamento dos animais e retirada de linfadenite caseosa (figura 8) contribuindo para seu bem-estar e saúde.

Figura 8- Estágio do Curso Técnico



Fonte: Arquivos Pessoais, 2019.

Também desempenhei trabalhos de higienização e restauração dos apriscos, garantindo um ambiente adequado e confortável para os animais. Ainda, tive a oportunidade de aprender sobre o preparo e estocagem de feno e silagem, essenciais para suprir as necessidades alimentares do rebanho durante todo o ano. Essa experiência prática foi fundamental para consolidar meus conhecimentos teóricos e me preparar para atuar de forma eficiente e responsável na área agropecuária.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO 1 – ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DOM FRAGOSO-EFA

As atividades do Estágio Supervisionado Obrigatório I – ESO foram desenvolvidas na Escola Família Agrícola Dom Fragoso (EFA), situada na comunidade Santa Cruz em

Independência, no Sertão de Crateús, no Ceará. Este estágio teve duração de 20 dias, com vigência em 24 de julho de 2023 a 18 de agosto de 2023, com carga horária de 120 horas, sendo distribuída em 6 horas por dia, de segunda a sexta-feira, sob a supervisão da monitora Idelzuith Borges, graduada em Geografia, com especialização em Agroecologia e mestrado em Educação do Campo.

“A EFA surgiu de um desejo coletivo, uma ciranda que foi ganhando força e se mantém até os dias atuais” (MACHADO, 2021). A escola é mantida por doações e pela associação comunitária. O trabalho desenvolvido tem como base a pedagogia da alternância, acreditando e mostrando que é possível realizar uma educação contextualizada através, principalmente, da troca de saberes.

Meu desejo de realizar o estágio na EFA Dom Fragoso surgiu através do encantamento que aconteceu quando ouvi falar pela primeira vez sobre esta escola, já no primeiro dia de aula do BACEP, quando foi mencionada pelas estudantes e colegas Jayslania Araújo, Ana Sabrina Araújo e Soraya Araújo. Foi a primeira vez que ouvi falar sobre uma escola família agrícola, já que no estado de Pernambuco não tem experiências como essa. O Bacharelado em Agroecologia bebeu muito da fonte das experiências das EFAs, e isso faz com que muitas coisas se relacionem.

De todos os sistemas vegetais, o que mais me encantou em realizar atividades foi a mandala de hortas e frutas. A variedade de hortaliças que tem, a forma de manejar e a criação de patos no centro do sistema, propiciando a integração animal-vegetal. Na primeira semana de estágio, encontramos com os/as educandos/as do terceiro ano do Sertão Central do Ceará. Assim como no curso de Agroecologia, a EFA divide algumas atividades por grupos de estudantes organizados em territórios e, uma delas, é a escala de férias. Durante as férias, as atividades estavam mais leves, apenas irrigações e colheitas.

“A agrobiodiversidade é essencial à segurança alimentar e nutricional, que consiste na realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras de saúde que respeitem a diversidade cultural e que sejam ambiental, cultural, econômica e socialmente sustentáveis” (Santilli, 2009, p.102).

Para garantir uma certa segurança alimentar na comunidade escolar, a escola conta com uma boa produção de hortaliças (figura 9), mantendo um cardápio bem diversificado e rico em nutrientes. Infelizmente, ainda não conseguem garantir alguns alimentos essenciais como o feijão, o arroz e o milho. Na mandala, encontra-se banana, alface, quiabo, mamão, cebolinha,

coentro, rúcula, beterraba, tomate cereja, batata doce, mandioca, berinjela, manga, umbu, tamarindo, maracujá do mato, entre outras.

Figura 9- Produção de Hortaliças



Fonte: Autoral, 2023.

A alimentação dos/as educandos/as da EFA é composta também pelas denominadas PANC (plantas alimentícias não convencionais). Em algumas regiões, elas são pouco conhecidas, mas essas plantas possuem um alto teor nutricional. A vivência na escola me proporcionou conhecer e experimentar algumas delas, como serralha e tanchagem, todas consumidas in natura na salada junto com alface, rúcula e tomate cereja. As Pancs são espontâneas, e algumas devem ser cozidas e outras podem ser consumidas in natura. Também tive a oportunidade de consumir algumas partes de alimentos que em minha região não temos o hábito de consumir, como flor do mamoeiro, folhas de batata doce e folhas de beterraba.

Sistema Agroflorestal Forrageiro

Também acompanhei algumas atividades desenvolvidas no Saf forrageiro, entre elas: abertura dos berços das plantas, irrigação e cobertura com material seco (restos da cultura do sorgo). O sistema florestal forrageiro ou banco de forragens é composto por gliricídia, leucena, palma, sorgo e babosa. O que mais chamou a atenção nesta área foi o experimento que o monitor Mardones vem desenvolvendo com seus dois educandos Beatriz e Diego, sobre irrigação das plantas forrageiras leucena e gliricídia com a seiva extraída da babosa (figura 9). Essas práticas me chamam bastante a atenção, pois, mesmo morando no semiárido, conheço uma outra realidade

onde não há uma cultura de poupar água por morar às margens do rio São Francisco em Pernambuco.

Figura 10- Experimento com Babosa



Fonte: Autoral, 2023.

Tudo que envolve conviver com o semiárido me chama a atenção e me proporciona refletir sobre como pessoas que possuem pouca água desenvolvem trabalhos gigantes, com uma agricultura limpa e que realmente produz alimento (hortaliças, frutas e verduras). Como contraponto, olho para a realidade da minha comunidade e vejo agricultores/as familiares que produzem apenas uma cultura de maneira convencional, usando todos os tipos de insumos.

Sistema Animal - Aves

A criação de aves da EFA consiste em sistema semi-intensivo. As aves são da raça Label Rouge para postura e os machos para corte, e as demais são caipiras conseguidas nas visitas que os/as monitores/as realizaram nos territórios dos/as educandos/as.

O aviário é feito de alvenaria com telas e é dividido por uma estrutura de garrafas pets, construída pelos/as educandos/as junto com monitores/as. Além da área fechada, o local possui o ambiente de pastejo, onde as aves ficam durante o dia. Nesta área de pastejo são plantadas algumas espécies, como acerola, moringa e ciriguela.

As atividades realizadas no setor das aves foram: higienização, alimentação e coletas de ovos. Todos os dias, as primeiras atividades executadas eram de limpeza dos comedouros e bebedouros. Eram recolhidos e lavados com água e sabão em água corrente. Em seguida, abastecia-se os comedouros e bebedouros. Para prevenir contra a coriza infecciosa (gogó), a água fornecida para as galinhas era ofertada com limão.

A limpeza efetuada no aviário foi a denominada "limpeza seca", onde retiramos toda a matéria orgânica (cama, fezes, restos de rações e penas) e encaminhamos para adubação dos

canteiros na mandala. Os dois subsistemas se complementam: as aves fornecem insumo, e a mandala complementa a alimentação das aves com restos de culturas.

A ração é fornecida duas vezes por dia, sendo 500g de manhã e 500g à tarde, totalizando 1kg de ração por dia, e a pastagem complementa a alimentação. A composição da ração é baseada em milho, soja e núcleo⁶ de crescimento (figura 11). A alimentação é disponibilizada conforme cada especificidade: postura, corte e crescimento. Durante o estágio, foi observado o quanto a escola gasta com a produção de ração, pois o milho, a soja e o núcleo de crescimento são insumos adquiridos de fora, isso é um desafio pra escola, pois possuem terra, água, porém, a mão de obra é pouca devido as escalas dos alunos.

Figura 11- Criação de Aves



Fonte: Autoral,2023.

As aves possuem uma boa produção; os ovos são coletados todos os fins de tarde, quando é realizada a reposição da ração e água. Em média, todos os dias, são coletados de 20 a 30 ovos. A quantidade não é fixa, pois em alguns dias tem mais ovos e em outros menos.

⁶ Núcleo de crescimento é uma mistura de minerais e vitaminas que tem o objetivo de desempenhar o desenvolvimento dos animais.

SUÍNOS

A EFA Dom Fragoso possui uma criação de suínos em confinamento, onde os animais ficam presos o dia todo na pocilga. As raças de suínos criadas lá são Duroc e mestiços de Petrá com Piau (figura 12).

As atividades desenvolvidas com os suínos foram alimentação com ração e lavagem, higienização da pocilga e castração. Todos os dias realizamos a higienização da área de comedouros e disponibilizamos ração (500g de manhã e 500g ao fim da tarde), mais um complemento com lavagem (restos de alimentos da cozinha). A composição da ração é balanceada e composta conforme a necessidade de cada fase que o animal está.

Realizei castração de suíno com mais ou menos dois meses de nascido, sob supervisão da monitora Raila e o técnico de campo Auricélio. Foi utilizado bisturi, anestesia, antibiótico e linha para realizar o procedimento.

Figura 12- Pocilga



Fonte: Autoral, 2023.

Caprinos e Ovinos

Desde a minha primeira formação no curso técnico em Agropecuária, optei por estagiar com caprinos e ovinos. A área animal sempre me chamou a atenção; gosto de observar os animais e realizar os manejos (alimentação, medicação e etc.). Naquela época, o estágio do

curso técnico foi totalmente voltado para a caprino-ovinocultura, 20 dias de atividades práticas com os animais, realizando ficha de cadastro dos animais, anotando informações como número do brinco, peso, idade, vacinação e etc.

A caprinovinocultura é algo bastante forte na escola. Assim como alguns dos outros sistemas animais, a criação se dá em sistema semi-intensivo, onde os animais são soltos para pastejo de manhã e presos, no fim da tarde. Todos os dias os animais são alimentados com ração e em seguida levados para suas áreas de pastejo.

Figura 13- Caprinovinocultura



Fonte: Autorial, 2023.

O leite das cabras atualmente estava sendo o mais ofertado na escola. Seu Manoel, o caseiro da escola, é o responsável por todos os dias realizar a retirada do leite antes que os animais sejam levados para a área de pastejo. Em alguns dias, às 5:00 da manhã, pude acompanhar seu Manoel e sua esposa Dinha na retirada do leite das cabras.

A escola possui as seguintes raças de cabras: Toggenburg, Saanen e também, as SRD, as famosas "sem raça definida". A ração é composta basicamente por 75% de milho e 25% de soja, para as cabras prenhas e as ovelhas em lactação é de 65% de milho e 35% de soja e milho triturados para as demais cabras e ovelhas.

A integração animal vegetal gera grandes benefícios para os agroecossistemas, gerando atividades lucrativas para as famílias, baixa necessidade de insumos vindos de fora e segurança alimentar e nutricional, mas, para isso é importante manter o sistema em bom funcionamento, onde um complementa o outro, e o mais importante, assim como Gliessman (2014) e outros autores citam, é “observar e aprender com os ecossistemas naturais”.

Estudar e aprofundar essas temáticas me agregaram ricos conhecimentos, vivências e experiências, despertando desejos de seguir por essa área de estudo e trabalho.

Sala de Aula e Serão

As aulas que acompanhei foram de Zootecnia, com a monitora Raila, e os/as educandos/as estavam estudando sobre as raças dos animais (aves e suínos) e sobre o bem estar animal, o que permitiu relembrar as aulas do professor Felipe Jalfim na Optativa de criação agroecológica de animais.

A pedido da supervisora Idelzuith Borges, eu e minha amiga Iris Maria, que também estava realizando estágio na EFA, preparamos um momento denominado de “Serão Agroecológico” (figura 14), com uma programação dividida por momentos, com vídeo, trabalho em grupo e debate reflexivo. Foi um momento muito produtivo, as reflexões foram ótimas, cada educando/a trazendo seu ponto de vista sobre a temática da agroecologia.

Dialogamos sobre o vídeo apresentado “Como lobos mudam rios”. Este vídeo foi apresentado no BACEP pelo professor Ângelo Alves com o intuito de refletirmos sobre os impactos causados quando há desequilíbrio no ecossistema, mostrando a importância de manter todas as espécies vegetais e animais nos ecossistemas.

Figura 14- Serão Sobre Agroecologia



Fonte: Arquivos Pessoais, 2023.

Foi gratificante ver o quanto os educandos se envolveram e se empolgaram com as atividades propostas durante o estágio. Percebi o impacto positivo que a educação contextualizada e a Pedagogia da Alternância têm na vida desses jovens, despertando neles o interesse pelo campo, pela agroecologia e pelo desenvolvimento sustentável.

Também preparamos uma tarde de cuidados com os/as educandos/as. Foram 15 minutos de descanso e cuidado. Baseando-se no que já vivenciamos no Bacharelado em Agroecologia,

preparamos uma sala com panos no chão, climatizada com plantas medicinais (hortelã e alfavaca) e óleos essenciais, sons da natureza, deixando um clima agradável.

No estágio na EFA DOM FRAGOSO tive a reafirmação da importância da Pedagogia da Alternância e da educação contextualizada como uma prática educativa que, a partir da união teoria e prática, possibilita a concretização e reprodução do campesinato como modo de vida. Também pude perceber na prática processos educativos que promovem a interação dos subsistemas animais e vegetais, buscando de maneira sistêmica a sustentabilidade produtiva.

É sempre mágico e desafiador sair da “zona de conforto” em que estava para conhecer pessoas e culturas novas, experiências e pontos de vista distintos. Toda a vivência no estágio se relaciona com a trajetória que foi sendo construída durante esses quatro anos de curso. A importância da troca de saberes, com solidariedade, respeito às diferenças e ao tempo de cada um/uma, foi significativo para o processo de aprendizado. Ninguém sabe mais, ninguém sabe menos, todos somos ricos em conhecimentos, seja ele acadêmico ou popular.

Ao fim do período, realizamos a construção da culminância lúdica dos aprendizados gerados pelos estágios, vivências-comunidade, universidade e optativas.

- **SISTEMATIZAÇÃO NO ETNO AGROECOSSISTEMA, 8º PERÍODO.**

O 8º semestre contou com a proposta de sistematização de experiências, seminário de reflexões dos Projetos interdisciplinares de construção do conhecimento (PICC), Diálogos sobre agroecologia, Optativa (tópicos especiais) e Culminância.

A imersão do 8 período foi realizada com destino ao Sertão do São Francisco e Sertão de Crateús/Inhamuns. Receber a imersão, receber os colegas e professores/as em minha comunidade, em minha casa (figura A), foi um momento verdadeiramente significativo para mim e minha família. Apresentar a minha família, nossa cultura alimentar e a tradição do reisado da nossa comunidade (figura C) foi de suma importância para compartilhar nossas raízes e valores.

Além disso, levá-los para se banhar em um dos pontos turísticos do município de Santa Maria (figura B) proporcionou um momento ímpar de integração e apreciação das belezas naturais da região. Essa experiência fortaleceu os laços entre nós e trouxe uma maior compreensão e valorização da diversidade cultural, o melhor de tudo foi poder apreciar o Reisado de dois estados (Ceará e Pernambuco) com um nível altíssimo de particularidades, cada um com o seu jeito e beleza.

Figura 15- BACEP em Território Boavistano



Fonte: Arquivos/BACEP, 2023.

TÓPICOS ESPECIAIS V- ANÁLISE DE SUSTENTABILIDADE DE AGROECOSSISTEMAS

A Optativa 3 aconteceu de forma dinâmica na EFA Dom Frágoso, durante a imersão ao Sertão de Crateús/Inhamuns, no Ceará, no início do outro semestre. Dividida por etapas, tivemos as aulas teóricas sobre análise de sustentabilidade de agroecossistemas e, como prática, realizamos a coleta de dados dos subsistemas da EFA junto aos/os educandos/os e monitores/as.

A Optativa foi ministrada pela professora Ana Cláudia de Lima Silva. Após realizar as atividades de campo nos sistemas e levantar os dados preenchendo a tabela, realizamos uma

segunda parte, com o diálogo analítico sobre a sustentabilidade dos sistemas da escola, ou seja, se eles são auto sustentáveis, ou se necessitam do mercado interno, externo e da comunidade.

Com o levantamento de dados, diálogo e reflexões, analisamos que a escola “anda por bons caminhos”, mas infelizmente ainda não é totalmente auto sustentável, pois necessita de materiais e insumos vindo de fora para dentro. Com isso surge a indagação, existe algum sistema auto sustentável e que se auto mantém?

Como análise final realizamos um relatório de devolutiva a partir de todas as análises dos subsistemas, e em reunião remota realizamos as devolutivas, aspecto muito importante, ir *in loco*, obter os dados das comunidades ou grupos, analisar, estudar e devolver os dados obtidos, para que o grupo faça realmente parte da construção.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO 2 – INSTITUTO REGIONAL DA PEQUENA AGROPECUÁRIA APROPRIADA (IRPAA)

O Estágio Supervisionado Obrigatório II foi realizado no Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada-IRPAA, localizado no município de Juazeiro, no Sertão do São Francisco, na Bahia.

As atividades foram divididas em três etapas: 1º Acompanhar os/as estudantes da república⁷ nas atividades práticas na fazenda do IRPAA; 2º Acompanhar a família de Ana e Anselmo⁸ nas atividades práticas desenvolvidas no agroecossistema deles e 3º Acompanhar e contribuir nas atividades de campo realizada pelos/as técnicos/as do IRPAA, nas comunidades assessoradas.

Ao chegar à sede da instituição fui recepcionada por Paulo César, que ocupa o cargo de coordenador de projetos sociais e foi responsável pela supervisão do meu estágio. Ainda na sede do IRPAA, dialogamos sobre o plano de atividades a serem desenvolvidas e recebi indicações de textos e livros para leitura como parte do estágio. Os textos indicados tratam sobre a convivência com o semiárido, a importância das mulheres nas práticas agroecológicas, as feiras e demais espaços de comercialização, entre outras atividades de assessoria realizadas pelo IRPAA.

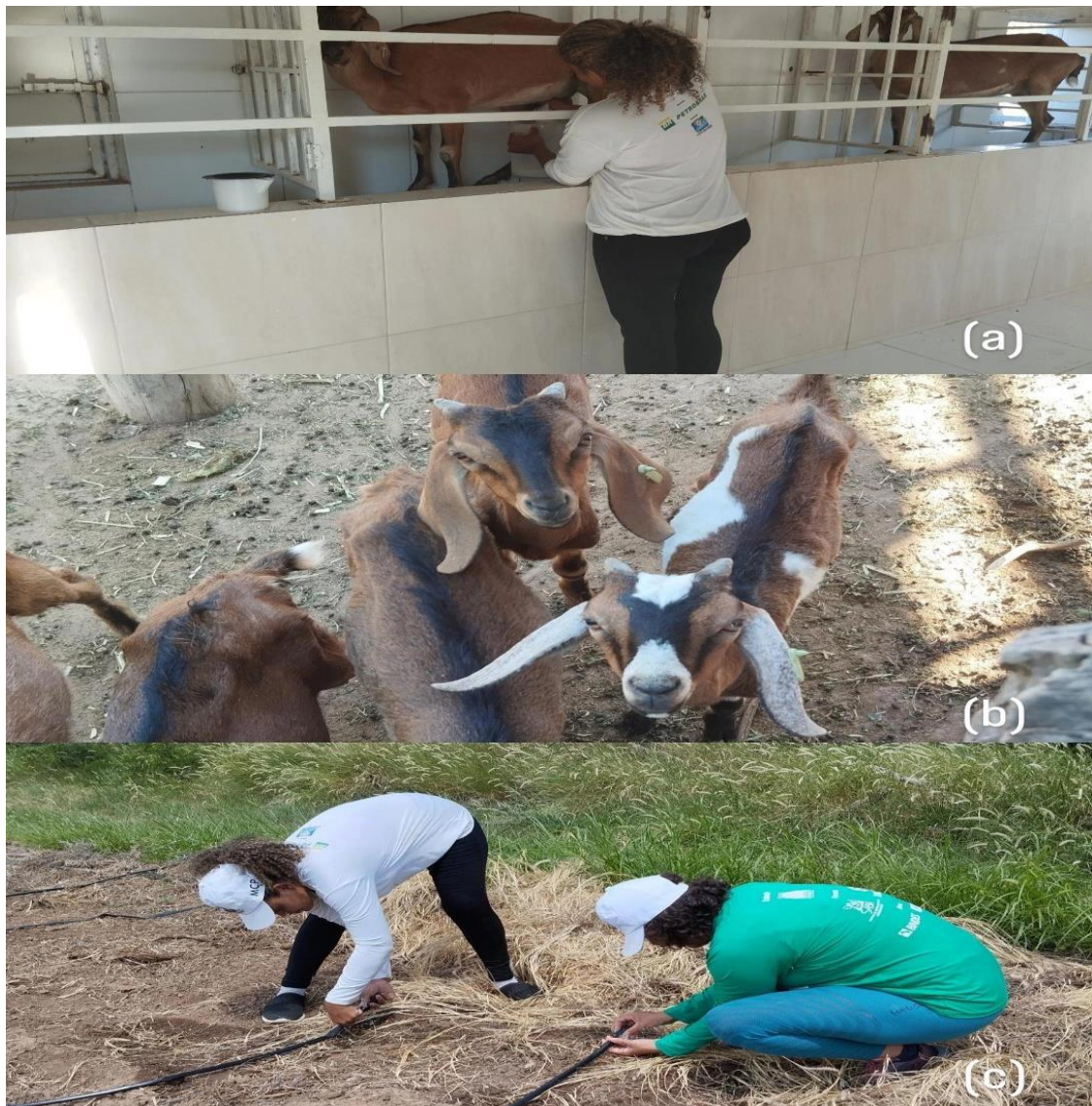
⁷ A república estudantil do IRPAA é o local onde moram os estudantes.

⁸ São agricultores agroecológicos que possuem certificação orgânica participativa, prestam serviços na fazenda do IRPAA e participam da feira agroecológica de Juazeiro. Anna e Anselmo ainda participam da cooperativa Coopervida em sua área de trabalho, que fica nas terras da fazenda do IRPAA, produzem mandioca, hortaliças, frutas, criam cabras e ovelhas e estão com planos futuros para criação de galinhas.

Após a recepção na sede, fomos para o Centro de Formação Dom José Rodrigues, popularmente chamada de fazenda do IRPAA, onde desenvolveria uma boa parte das atividades de estágio. Ao chegar fui recepcionada pelos/as estudantes da república, onde fizemos a trilha por toda a área da fazenda conhecendo todos os sistemas e tecnologias presentes. A instituição desenvolve diversas atividades pelo território do Sertão do São Francisco baiano e uma das belas atividades é a que desenvolvem com esses/as jovens da república.

Na primeira etapa do estágio foram realizadas atividades de manejo e manutenção dos sistemas vegetais e animais da fazenda. Na área animal, na qual mais me identifiquei, realizei atividades de higienização do aviário e aprisco, realizando a retirada das fezes e levando para área apropriada, onde ficam os estercos que são utilizados na horta. Além da higienização do aprisco, realizei a retirada do leite das cabras e preparei ração à base de leucena, capim e palma para as cabras e ovelhas.

Figura 16- Atividades Práticas



Fonte: Arquivos Pessoais

As atividades desenvolvidas nos sistemas vegetais foram: irrigação manual e sistema, retirada de plantas espontâneas, plantio de hortas, colheita de frutas, preparo e adubação de canteiros, desfolhas das bananeiras, fertirrigação com fertilizante retirado do biodigestor e etc.

A primeira parte do estágio vivenciada com os/as estudantes da república era distribuída em atividades de campo e atividades de estudos, no período da manhã nos dividimos entre os setores e a tarde estudava os textos indicados pelo supervisor.

Como proposto pela instituição, eu teria que vivenciar as atividades com os/as estudantes e também com a família de Anselmo e Ana,

Ao conhecê-los, eu e Tatiane Faustino, minha amiga que também estuda no BACEP e também estagiou no IRPAA, fomos conhecer a história daquela família e entender os planos e

desejos para aquela área. De início, já nos relataram que estavam com os planos de iniciar um sistema agroflorestal, com muitas fruteiras, hortaliças e plantas nativas da caatinga.

Ao decorrer da conversa propusemos construir um planejamento (figura 17): iniciamos conhecendo a área onde iria ser implantado o SAF e, em seguida, fomos conversando e anotando tudo que ia chamando atenção na fala dele e dela. No decorrer do trajeto eles foram falando que queriam frutíferas de ciclo longo e curto, plantas dobeadeiras para manter o solo nutrido, hortaliças, plantas nativas, e flores como o girassol para alimentar seu papagaio, etc.

Figura 17 – Planejamento participativo de um SAF



Fonte: Tatiane Faustino, 2024.

Foi um momento muito importante que nos fez lembrar das aulas e das temáticas que estudamos ao longo do curso, principalmente no 5º semestre onde tivemos a oportunidade de planejar e implantar sistemas agroflorestais. Conversamos, partilhamos, anotamos várias informações e fizemos um rabisco de como a família gostaria que fosse implantada a área. Foi conversado e dialogado sobre os/as sujeitos/as que iriam manejar a área e a importância de pensar no bem-estar dos/as agricultores e agricultoras.

Após a construção do planejamento, que durou muitas horas de ricas partilhas e muito conhecimento, fomos preparar o sistema de irrigação. A irrigação planejada pela família foi o gotejamento. Esticamos todas as mangueiras e saímos amarrando e tampando as pontas. Infelizmente, devido a compromissos da família e outras demandas de atividades, não

conseguimos implantar o sistema juntos, mas participamos da construção e deixamos o trabalho avançado, como dizia dona Ana: “futuramente vocês vão voltar aqui e dizer que contribuíram com o planejamento dessa área”.

Uma das atividades de estágio foi conhecer os locais de comercialização das famílias assessoradas pela instituição. Assim, fomos conhecer a feira agroecológica e o Armazém da Caatinga, ambos localizados na orla, às margens do rio São Francisco em Juazeiro-BA. Infelizmente, muitos produtos vendidos no Armazém da Caatinga não cabem no orçamento de famílias de baixa renda. Mais uma vez, entra a questão: os alimentos de qualidade são produzidos para quem?

A terceira etapa do estágio foi acompanhar o supervisor Paulo Cesar em atividades de campo nas comunidades. A instituição está com o projeto “Agenda 2030 no semiárido baiano”, que tem o intuito de prestar assessoria para associações para que consigam se organizar e resolver demandas, assim como acessar projetos.

As comunidades que visitamos foram Pau Preto em Juazeiro-BA e Tapera em Sento-Sé Bahia. A primeira associação trabalha com um grupo de mulheres que produzem licor e polvilho e a segunda trabalha com a produção de mel.

A proposta da reunião era apresentar o projeto “Agenda 2030”, saber a opinião dos grupos se havia o desejo ou não em participar e, por fim, realizar um diagnóstico participativo com as ferramentas linha do tempo e FOFA, sistematizando as fortalezas, as oportunidades, as fraquezas e as ameaças, para que, após o projeto ser analisado, as conquistas e retrocessos sejam considerados.

No segundo dia, na reunião com a associação de apicultores de Tapera, fui convidada a puxar o diálogo da FOFA, com auxílio dos técnicos. A mediação foi facilitada, pois o grupo já conhecia a ferramenta. Foi a primeira vez que realizei o uso da ferramenta com um grupo que não era minha família e que estavam dispostos a contribuir, o que foi muito satisfatório.

O estágio no Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada foi o complemento que faltava para as minhas vivências, agregou muitos conhecimentos sobre a convivência com o semiárido e a importância da assessoria. Coloquei em prática muitos conhecimentos adquiridos no decorrer do curso.

A Última Culminância

Nossa última culminância dessa jornada foi diferente de todas as anteriores, pois optamos por inovar e realizar uma construção coletiva de apenas um grupo, realizando uma única apresentação envolvendo todos/as os/as estudantes (Figura 18).

Nos reunimos virtualmente, pensamos na proposta de um bloco de carnaval e, a partir dessa ideia, construímos o bloco “Forma ou Transforma”. Cada um/a colaborando da forma que podia, conseguimos construir algo simples, divertido e que transmitisse nossas aprendizagens.

Nosso colega poeta e compositor Benoni Codacio aprimorou marchinhas de carnaval com as temáticas e vivências abordadas no semestre e ficou assim:

Eu vou entrar no bloco do BACEP

Que sou Tiete, que sou tiete

E nessa turma a alegria jorra

Por isso eu tô no bloco

Forma ou transforma (2 x)

Eu fui fazer uma optativa

Com a arte nativa

De bioconstrução

Eu vou pagar uma cadeira

De acesso à mercados

Pra ficar resguardado

Com o meu coração

Eu vou fazer uma geodésica

Pra essa amnésia

Não me contaminar



Conseguimos abordar nossas aprendizagens de forma lúdica com música e trazendo o humor a partir da encenação. Trouxemos um pouco sobre nosso Estágio Supervisionado 2, e como o BACEP, através dos/as estudantes, esteve em diversas organizações governamentais e não governamentais espalhadas pelo país.



Figura 18- Oitava Culminância

Fonte: Virginia Aguiar, 2024

Fechamos nosso ciclo de culminâncias no BACEP com chave de ouro, muita animação e emoção ao relembrar nossa trajetória.

CONCLUSÃO

Sou uma jovem que ingressou no curso timidamente, fazendo de tudo para passar despercebida, sem saber sequer minha localização geográfica (Sim, eu não sabia dizer de qual Sertão eu era/sou), pensando muito antes de falar e, quando tentava me expressar, me embolava toda nas palavras e, muitas vezes, optava por ficar em silêncio... No entanto, com o incentivo do coletivo discente e docente, encontrei-me na comunidade, integrando-me à associação e ao curso, finalmente, encontrando-me e integrando-me comigo mesma.

Hoje eu reafirmo “Ubuntu”: eu sou porque antes de mim outros foram e são. São meus guias, meus mestres e minhas mestras, meu coletivo. Minha trajetória foi repleta de desafios, e eles me ajudaram a crescer e permanecer! Permanecer nesse caminho que não é fácil, mas é possível, pois a agroecologia não vai mudar o mundo da noite para o dia. Quem dera se isso fosse possível!

Como diz o mestre Paulo Freire (FREIRE, 1996, p. 23), “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. Com essas palavras, reconheço o valor do aprendizado colaborativo e compartilhado. Enxergo o quanto eu aprendi durante essa jornada proporcionada pelo Bacharelado em Agroecologia, com ênfase no campesinato e na educação popular. Aprendi com os/as agricultores/as, com as/os docentes e muito com os/as discentes. Aprendi a conviver mais em coletivo, até porque a união faz a força, e em coletivo o caminhar é bem melhor.

O BACEP foi, é, e sempre vai ser um "divisor de águas" na minha vida, pois me permitiu evoluir como pessoa e vem me capacitando como profissional. Encerro meu ciclo com o BACEP, como uma educanda educadora que sabe ouvir, compreender e pensar junto, analisar e construir em conjunto a partir da realidade presente. O BACEP me ensinou que a agroecologia vai além da produção, pois leva a compreender o contexto, os sujeitos e sujeitas, o território, o todo. A agroecologia é cultura, coletividade e, principalmente, ancestralidade.

Como desejos futuros pretendo me especializar na caprinovinocultura e ter minha criação de cabras e ovelhas, mas, assim como os rios mudam seus percursos, meus desejos e metas podem mudar daqui a um mês, um ano, pois a necessidade do momento muitas vezes dita o percurso a seguir.

REFERÊNCIAS

- DUBEUX, Ana et al. **A construção de conhecimentos em economia solidária**. Recife, F & A Gráfica e Editora Ltda, 2012.
- FÉLIX Cícero, SCHISTEK Haroldo, OBERHOFER Maria. **No semi-árido, viver é aprender a conviver**. Juazeiro-BA. Gráfica Franciscana, 2007, p 31.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes Necessários à Prática educativa**. 30ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.p 23. (Coleção Leitura)
- GLIESSMAN, Stephen R. **Agroecologia processos ecológicos em agricultura sustentável**. 4º ed Porto Alegre: UFRGS, 2009, p 63.
- GLIESSMAN, S.R. **Agroecology: The Ecology of Sustainable Food Systems, Third Edition** (3rd ed.). CRC Press. 2014. <https://doi.org/10.1201/b17881>
- JALFIM, Felipe; SANTIAGO, Fábio; BLACKBURN, Ricardo. **Considerações Sóciotécnicas sobre a Estocagem de Forragens na Convivência com o Semiárido**. Texto didático/Curso Bacharelado em Agroecologia, UFRPE, 2023.
- LIMA, Jorge Roberto Tavares de. **Um olhar sobre a mata sul de Pernambuco**. Texto didático/Curso Bacharelado em Agroecologia, UFRPE, 2019.
- LIMA, Jorge Roberto Tavares de; FIGUEIREDO, Marcos Antônio Bezerra. **Extensão Rural, desafios de novos tempos. Agroecologia e sustentabilidade**. Recife: Editora Bagaço. 2006, p 41.
- MACHADO, Manoel Bezerra. ARAÚJO, Ana Mirtes Alves. **Escola Família Agrícola Dom Frágoso: 20 anos construindo o Bem Viver (2001-2021)**. Fortaleza: AEFAl, 2021. p 32.
- Acesse em: https://www.efadomfragoso.org.br/_files/ugd/4aefc5_f0f87eb2c8ce490fb2a6bae92ac22025.pdf.
- SANTILLI, Juliana. **Agrobiodiversidade e direitos dos agricultores**. 1ª edição. Editora Peirópolis, São Paulo, 2009, 519p.
- SILVA, Carlos E. Mazzetto. Modo de apropriação da natureza e Territorialidade camponesa: revisitando e ressignificando o conceito de campesinato, Belo Horizonte janeiro-junho de 2007. p 52-53.
- TOLEDO, Victor M. La Apropiación campesina de La naturaleza: um analisis Etnoecologico. [S.l.: s.n.], 1996. Mimeografado.
- UFRPE . Versão Atualizada - Projeto Político Pedagógico do Curso de Agroecologia.

Fevereiro, 2023, p 11. Disponível em:
<https://sigs.ufrpe.br/sigaa/verProducao?idProducao=2969111&&key=7340ebc9fdcee1308ee51b126516f14>. Acesso em 25 de Janeiro de 2024.